

Cultura tradicional da infância: *Família MAM*, uma abordagem do MAM Educativo

Educadora: Mirela Estelles

- **Pom, pom, pom.**

- **Quem será?**

- **É uma história que vai começar!**

- **Olê, olê, olê,**

- **Olê, olê, olá!**

O programa *Família MAM* existe há mais de 10 anos e sua programação acontece ao longo de todo ano, geralmente aos finais de semana e quase todos os dias no período de férias escolares.

Em 2011, sob coordenação de Daina Leyton o programa foi reformulado e, desde então, o *Família MAM* integra em sua ideologia e suas ações a ***cultura tradicional da infância***, que valoriza e respeita o modo de ser e estar de cada criança, fomentando suas invenções e criatividade.

No período em que a reformulação do programa começou, a educadora e pesquisadora da infância Lucilene Silva foi convidada para ministrar um encontro para professores dentro do programa *Contatos com a arte*, com objetivo de trazer e ampliar o repertório de brincadeiras tradicionais, inspiradas nas pinturas do artista Cândido Portinari que retratou muitas das brincadeiras dos meninos do Brasil.

A cultura tradicional da infância se encontra cada vez mais presente e forte no *Família MAM*, sendo hoje um dos principais eixos do programa. O interesse pela cultura tradicional da infância não é exclusivo do *Família MAM*; ela também integra os demais programas, como o *Contatos com a Arte* (programa voltado para formação do professor) e o *Programa de Visitação* (programa voltado para formação dos diversos públicos por meio das visitas agendadas às exposições em cartaz).

Periodicamente, realizamos atividades como: narrações de histórias, brincadeiras tradicionais da infância, jogos de versos, experimentações artísticas, visitas mediadas às exposições em cartaz seguidas de experiências poéticas; que consideram o universo

lúdico-infantil, e buscam a construção de sentido na experiência com a arte. As atividades proporcionam o convívio e interação entre adultos e crianças e enriquecem a troca e a diversidade de olhares entre os participantes.

Na exposição *No ateliê de Portinari* (2011), em algumas das práticas vivenciadas no *Programa de Visitação* no atendimento de grupos agendados e no *Família MAM*, realizamos jogos de versos a partir de um canto de trabalho inspirado nas pinturas e esboços que retratavam os trabalhadores. A estrutura do jogo era apresentada e os participantes criavam versos seguindo o ritmo estabelecido. Cada estrofe teria quatro versos sendo que o segundo teria que rimar com o quarto. Esta experiência inaugurou a criação de versos inspirados nas exposições, e hoje é uma prática recorrente nas visitas agendadas e como atividade no programa Família MAM. Como a primeira pessoa é uma potente aproximação, a criação de versos teve destaque nas exposições individuais de artistas como Oswaldo Goeldi, Alex Vallauri e Maria Martins.

Alguns dos versos criados por crianças entre 8 e 9 anos durante a visita à exposição *No Ateliê de Portinari*, exemplificam essa experiência e a estrutura do jogo usado na criação dos versos:

Começava com a estrutura cantada:

“O Besouro é preto, ô danado

Ele é bem pretinho, ô danado

chuleia o besouro, ô danado

bem chuliadinho, ô danado”

Besouro é o nome que os trabalhadores davam para o caroço que tem dentro do algodão, que é muito preto. Na colheita do algodão é muito comum o jogo de verso para dar ritmo ao trabalho e passar o tempo. A partir dessa estrutura no mesmo ritmo, as crianças visitantes criaram os versos:

Fui ao museu,

Ver uma exposição.

Quando eu fui perceber,

já estava perdido.

*Suas obras brasileiras,
se revelam na história.
Portinari na infância,
e também na nossa escola.*

*Fui andando pelo museu,
uma coisa eu encontrei,
foi um trabalhador,
que logo me apaixonei.*

*Portinari era um pintor
que fazia obra de arte
que pintou o trabalhador
e outras obras de arte*

Outro exemplo é a experiência com o jogo de verso vivenciada por adultos e crianças no programa Família MAM, na exposição do artista Oswaldo Goeldi. Nesse contexto a estrutura do jogo de verso foi escolhida a partir da temática inspirada nas obras da última sala da exposição, onde podíamos encontrar diversas gravuras que retratavam os pescadores.

A educadora inicia:

*“ Marinheiro encosta o barco,
que a morena quer embarcar.*

Ai, ai eu não sou daqui,

Eu não sou dali sou de outro lugar. ”

As crianças e seus acompanhantes criam os versos:

Eu fui ver a exposição

com a Marina e o Matheus.

Vi morte e vi vida,

Me diverti com os filhos meus.

Pescador caiu no mar,

e pescou uma sereia.

Ficou todo enfeitiçado,

bebeu água e comeu areia.

Quando fui na casa assombrada,

uma caveira me assustou.

Aquela caveira danada,

de susto quase me matou.

Quando o céu escureceu,

e o vento soprava forte,

os homens brigaram feio,

e a cidade cheirava morte.

A partir desse registro, podemos perceber que os visitantes trouxeram diferentes percepções com os versos: o que gostaram, o que chamou a atenção, o que acharam da visita ao museu e da exposição em si.

Temos explorado essa dinâmica por acreditar na importância de cantar com as crianças e de poder brincar com as palavras. A música faz parte do cotidiano delas e de sua forma de expressão no ato de brincar. O momento que envolve a música durante a visita ao museu, é uma vivência que marca significativamente os visitantes na experiência do contato com a arte.

Outra prática do MAM Educativo são as narrações de histórias. Para cada exposição realizamos uma pesquisa até chegar à escolha da história ou das histórias que são contadas em diferentes situações: visitas mediadas para diversos perfis de público, visitas exclusivas para professores, *Família MAM*, entre outras. Dentro do *Família MAM* elas são narradas em português ou de forma bilíngue: simultaneamente em português e em libras (língua brasileira de sinais).

As criações das histórias bilíngues também começaram em 2011 na ocasião da *Semana Sinais na Arte*, que comemora o dia do surdo. Desde então, elas acontecem pelo menos uma vez a cada exposição em cartaz no museu e exigem uma grande pesquisa para garantir a relação harmônica entre as línguas sem prejudicar a estrutura das mesmas. Para isso consideramos importantes os seguintes aspectos trabalhados na preparação de cada história:

- Utilização e exploração de sinais que marcam um espaço para melhor compreensão do surdo e também do ouvinte. (construir no espaço o cenário)
- Ampliação do vocabulário para o público surdo.
- Contato e conhecimento de uma nova língua para o público ouvinte.
- Uso de dois corpos (das duas narradoras) para ampliação de um sinal, que acontece com a extensão ou contenção do movimento e do tempo.
- Composição do sinal levando em conta o movimento e sua direção, o lugar no corpo ou no espaço, a expressão e configuração de mão; que gera a compreensão do significado e possibilita novas relações poéticas com o uso dos sinais nos diferentes contextos da narrativa.

- Repetição: momento de construção da imagem pela visualidade da língua de sinais, tanto para o surdo quanto para o ouvinte.

- Narração x Dramatização: preocupação em narrar a história e não dramatizá-la. Uso de recursos como objetos sonoros e visuais sem excesso ou exageros. A simplicidade pautada na arte milenar de contar histórias.

- Harmonia e Ritmo: não há hierarquia entre as línguas, cada uma é respeitada em sua estrutura particular e poética, o que exige das narradoras uma grande sintonia. A história existe como norteadora do tempo-espaço de cada língua. Relação (ritmo-cadência-fluidez).

- Alternância: A alternância entre quem fala e quem sinaliza fortalece a equidade entre as línguas e busca jogar com o olhar do espectador, criando momentos de integração total entre as duas línguas. Esta integração pode acontecer entre a dupla ou entre as línguas em um único corpo, quando a mesma pessoa fala e sinaliza, geralmente por um período curto, para garantir a estrutura das línguas. Percebemos que na maioria das vezes a alternância funciona melhor nos diálogos.

- Expressões poéticas: Criação de expressões poéticas que transmitam visualmente a poesia da palavra oral. Trechos de narrativas poéticas são os mais trabalhados durante o processo de construção da história, pois são eles que dão riqueza e profundidade à narração, estimulando a imaginação e a capacidade de abstração, que pode ser ampliada ao proporcionar o aumento de vocabulário e do universo imagético dos surdos. Situações de aprendizagem que explorem expressões poéticas são oportunidades que buscamos sempre promover, e que muitas vezes faltam aos surdos.

Um exemplo da criação de uma narração de história bilíngue: Como podemos pensar a poesia e metáfora na língua de sinais a partir da expressão *“esta casa está por um fio”*, sendo uma metáfora não utilizada pela comunidade surda?

Como essa expressão da língua portuguesa não tem tradução literal para a língua de sinais, assim como diversas expressões não existem em diferentes línguas orais, como podemos fazer?

Na língua de sinais usamos o sinal de casa e de perigo. O sinal de perigo é feito com o dedo indicador com um movimento próximo ao nariz para cima e para baixo na vertical, junto com a expressão facial que traz uma expressão de perigo.

Concomitantemente, durante a narrativa, estamos fazendo o tempo todo o sinal de fio com o dedo indicador na horizontal, trazendo a imagem do equilibrista caminhando sobre o fio. Assim, quando apresentamos a sinalização de “esta casa está em perigo”, a associação com o fio fica mais fácil para aproximação da expressão “Esta casa está por um fio”. Visualmente, trazemos a metáfora em libras. Entre várias formas de dizer que a casa pode cair, nós escolhemos esta porque tem a mesma configuração de mão e podemos dizer que tem uma rima, um uso poético ali, uma apropriação poética.

Na história do equilibrista usamos a frase “quanta coisa se pode fazer com o fio” para ilustrar. Em libras, a sequência de sinais para estrutura desta mesma frase é: fio, pode, fazer, coisas. Para darmos ênfase nesta frase criamos a imagem do fio como se cada uma de nós estivesse puxando um fio que sai do nosso encontro de mãos. Já com o sinal de fio, puxamos o fio, fazemos o sinal de pode e de fazer e, em seguida, voltamos para a imagem do fio e fazemos o sinal de coisas para dar visualidade para a interpretação da palavra-imagem de “quantas coisas se pode fazer com o fio”, como se o próprio fio estivesse fazendo várias coisas a partir do seu movimento.

Em alguns momentos da história, falamos e sinalizamos ao mesmo tempo, respeitando a estrutura de cada língua. Ao cruzarmos as duas línguas, reforçamos a potencialidade de cada uma em suas diferentes características que se somam; a libras, por sua visualidade expressiva, e o português por sua poesia metafórica. Assim, ampliamos as possibilidades de leitura e interpretação imagética da narrativa.

A experiência com os jogos de versos e com as narrações de histórias estimulam a imaginação e abrem novas possibilidades de diálogo e interação entre familiares, crianças e amigos. Sendo hoje ações fundamentais de nosso rol de ações educativas, elas promovem em nosso cotidiano, um encontro significativo com a arte e com a cultura tradicional da infância.

“ Entrou por um fio,

E saio pelo outro,

Quem quiser,

Que desenrole outro”